



**CLARISSE GODINHO GRILLO**

***DOIS IRMÃOS E A MEMÓRIA BIOCULTURAL:***  
**UMA ANÁLISE DO ESPAÇO E SEU DIÁLOGO COM A**  
**SOCIEDADE**

**LAVRAS - MG**

**2021**

**CLARISSE GODINHO GRILLO**

***DOIS IRMÃOS E A MEMÓRIA BIOCULTURAL:***  
**UMA ANÁLISE DO ESPAÇO E SEU DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Rodrigo Garcia Barbosa

Orientador

**LAVRAS - MG**

**2021**

**CLARISSE GODINHO GRILLO**

***DOIS IRMÃOS E A MEMÓRIA BIOCULTURAL:***  
**UMA ANÁLISE DO ESPAÇO E SEU DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 02 de Junho de 2021

Dr.

Dr<sup>a</sup>.

Dr.

Prof. Dr. Rodrigo Garcia Barbosa

Orientador

**LAVRAS - MG**

**2021**

Às amigas e aos amigos tão presentes  
nos momentos de alegria e tristeza.

À minha família pelo constante  
apoio e carinho.

E ao Marcos Gabriel,  
em memória,

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Ao Rodrigo, professor e orientador, por todo o incentivo durante a minha graduação.

Aos membros da banca, Profa. Roberta e Prof. Denis, pela confiança e generosidade.

Às diversas professoras e professores do DEL, e de outros departamentos, que me possibilitaram uma graduação interdisciplinar e vasta.

Ao Núcleo de Línguas da UFLA, pela bolsa de ensino da CAPES, e à Profa. Andrea Portolomeos, pela bolsa de pesquisa da FAPEMIG.

Aos diversos grupos de estudos, ciclos de estudos, palestras, congressos, mesas redondas, simpósios e organizações estudantis que participei.

Ao Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá Ervas & Matos.

E a todas e todos aqueles que participaram dessa jornada.

*“Onde há poder, há fragilidade. E onde  
há fragilidade, há responsabilidade.  
Quanto a mim, diria mesmo que o objeto  
da responsabilidade é o frágil, o  
perecível que nos solicita, porque o  
frágil está, de algum modo, confiado à  
nossa guarda, entregue ao nosso  
cuidado.”*

Paul Ricœur

## RESUMO

Como parte da memória da espécie humana, a memória biocultural consiste na reunião das memórias genética, linguística e cognitiva, entre outras (TOLEDO E BARRERA-BASSOLS). Tal memória se mantém principalmente através dos povos originários, que passam seus conhecimentos de geração em geração. Nesse sentido, o presente trabalho propõe utilizar o conceito de memória biocultural para analisar o romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, com o objetivo de investigar o espaço na obra e os seus diálogos com a sociedade. Sendo essa investigação dedicada à memória genética, linguística, cognitiva e suas convergências, assim como os seus processos de erosão. Como resultado da análise, percebe-se que o espaço na obra está em constante interação com as personagens, sendo a memória biocultural um elemento importante para observar tanto sua ambientação no romance, quanto sua erosão ao longo do enredo. Dessa forma, as manifestações da memória biocultural amazônica, assim como suas perdas, acompanham as tristezas, frustrações, lembranças e desejos das personagens.

Palavras-chaves: Memória Biocultural, Literatura Brasileira, Milton Hatoum.

## ABSTRACT

As part of the memory of the human species, the biocultural memory consists of the gathering of the genetic, linguistic and cognitive memories, among others (TOLEDO AND BARRERA-BASSOLS). This memory is maintained mainly by the indigenous peoples, who pass their knowledge from generation to generation. Therefore, the present work proposes to use the concept of biocultural memory to analyze the novel *Dois Irmãos* (2006), by Milton Hatoum, with the goal of investigating the space in the novel and its dialogues with society. Being dedicated to the genetic, linguistic, cognitive memory, and their convergences, as well as their erosion processes. As a result of the analysis, it is noticed that the space in the novel is in constant interaction with the characters, being the biocultural memory an important element to observe in both its settings in the novel, and its erosion along the plot. In this sense, the manifestations of the Amazonian biocultural memory, as well as its losses, accompany the sadnesses, frustrations, memories, and desires of the characters.

Keywords: Biocultural Memory, Brazilian Literature, Milton Hatoum.

## SUMÁRIO

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2.	A NATUREZA E A MEMÓRIA BIOCULTURAL.....	10
3.	<i>DOIS IRMÃOS</i> E A MEMÓRIA BIOCULTURAL.....	13
3.1.	A MEMÓRIA GENÉTICA.....	15
3.2.	A MEMÓRIA LINGUÍSTICA.....	18
3.3.	A MEMÓRIA COGNITIVA.....	20
4.	EROSÃO DA MEMÓRIA.....	26
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	ANEXO A - BIODIVERSIDADE.....	35

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Através da percepção de que o romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, retrata o seu espaço a partir da sua interação com as personagens, o presente trabalho tem como objetivo analisar como essas interações se dão, por meio do conceito de memória biocultural, já que o romance, que se ambienta na cidade de Manaus, expressa, ao longo do seu enredo, diversas manifestações de biodiversidade que parecem moldar as experiências e as vivências das personagens. Sendo que essa diversidade, descrita pelo narrador-personagem, permeia o discurso, o espaço, as crenças, as ferramentas, as línguas, a culinária, as festas, dentre outras manifestações da memória biocultural amazônica. Nesse sentido, pensar como essa memória permeia o romance permite questionar como os elementos naturais, por vezes descritos como distantes do homem, moldam mutuamente a construção das personagens e as suas interações com a cidade.

Para realizar essa análise, será utilizado o trabalho de Flávia Paula Carvalho sobre *A Natureza na Literatura Brasileira* (2005), assim como as concepções de Bruno Latour (2020) sobre a instabilidade da noção de natureza, questionando as dicotomias conceituais entre natureza/cultura e natureza/homem. E, como fundamento do trabalho, será utilizado o conceito de memória biocultural, concebido por Víctor M. Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015), que será o principal viés para a investigação sobre as interações do espaço da obra literária e dos seus diálogos com a sociedade.

Assim, o presente trabalho se propõe questionar e discorrer sobre como a memória biocultural pode ser utilizada na análise da obra *Dois Irmãos*, buscando conceber outras formas de se examinar o espaço na obra literária, em que a presença ou a perda da memória biocultural tem muito a dizer sobre a construção da narrativa.

## 2. A NATUREZA E A MEMÓRIA BIOCULTURAL

A natureza<sup>1</sup> é um elemento muito presente na literatura brasileira e, conseqüentemente, muito abordado por sua crítica literária. A partir de suas diversas expressões, ela é recorrente, “seja como motivo de identificação com o estado emocional do

---

<sup>1</sup> O termo “natureza” utilizado no trabalho se refere ao conceito em seu uso popular, sem buscar defini-lo de maneira exaustiva.

próprio autor ou da personagem, como motivo religioso, ou de afirmação nacionalista”, segundo Fernando Carvalho (*in* CARVALHO, 2005, p. 9).

Ao se referir a natureza, diversas noções são englobadas, o que faz com que esse conceito seja fluido e plurissignificativo. Um exemplo dessa fluidez se dá no livro *Natureza na Literatura Brasileira* (2005), de Flávia Paulo Carvalho, que aborda a diversidade de concepções de natureza entre o romantismo e o realismo, por exemplo:

Considerando que o paisagismo era um dos elementos mais fortes no romantismo, compreende-se que ele tenha passado ao realismo, apesar da diversidade de concepções da natureza entre um e outro, e apesar de, em naturalistas mais radicais, a natureza ser apenas descrita em função da fidelidade ao pormenor em conformidade com o espírito da estética realista. (CARVALHO, 2005, p. 126)

Ao longo de seu livro, Carvalho passa a incluir novos elementos à sua investigação sobre natureza na Literatura Brasileira, que vão muito além de uma elaboração apenas sobre a paisagem<sup>2</sup> ou sobre elementos naturais<sup>3</sup> presentes nas obras literárias, incluindo também lendas e tradições locais como elementos de análise. Além disso, a autora defende que há uma nova concepção da natureza inaugurada pelo regionalismo dos pré-modernistas:

Uma vez que se lhe confere a autonomia e significado mais amplo, a natureza e seus representantes adquirem dignidade e, ao mesmo tempo em que ela é posta ao lado do homem, como protetora ou coadjuvante nos momentos de sofrimento ou penúria, pode também sofrer as consequências dos seus atos de violência. (CARVALHO, 2005, p.131)

Ao discorrer sobre um conceito mais amplo de natureza, que se aproxima cada vez mais do homem e da cultura, Flávia Carvalho (2005) contribui para as reflexões e questionamentos acerca das dicotomias conceituais entre natureza/homem e natureza/cultura. Tais dicotomias são amplamente discutidas por diversos autores(as), como Bruno Latour, que acrescenta questões pertinentes a essa investigação. Em *Diante de Gaia* (2020), o autor discorre sobre as dificuldades de se definir tais termos, que julga impossíveis de se separarem por completo:

---

<sup>2</sup> Paisagem como “Reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um determinado lugar: vejo a paisagem da janela do meu quarto.” (PAISAGEM, 2020)

<sup>3</sup> Como o que pertence à uma paisagem da natureza, como: fauna, flora, relevo, montanha, etc.

Não tente definir apenas a natureza, porque você terá que definir também o termo “cultura” (o humano é o que escapa à natureza: um pouco, muito, apaixonadamente); não tente definir apenas “cultura”, porque de imediato terá que definir também “natureza” (o homem é o que não pode “escapar totalmente” das restrições da natureza). O que significa que não estamos lidando com *domínios*, mas com um e o mesmo conceito separado em duas partes que se encontram ligadas, por assim dizer, por um forte elástico (LATOURET, 2020, p. 34)

Desse modo, a partir das reflexões de Carvalho (2005) sobre um significado mais amplo de natureza e da sua aproximação com o homem e com a cultura, construídas a partir da leitura das obras dos pré-modernistas, e da noção de Latour (2020) sobre a instabilidade da conceituação de natureza, cultura e homem, o presente trabalho propõe utilizar o conceito de *memória biocultural* para analisar a obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Essa proposta se dá a partir da possibilidade de se questionar essas divisões conceituais e buscar por novas formas de abordar esses elementos que são frequentemente categorizados como apenas uma das partes dessas dicotomias.

Presente no livro *A Memória Biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais* (2015), de Víctor M. Toledo e Narciso Barrera-Bassols, o conceito de memória biocultural se define a partir da memória da espécie humana que, segundo os autores:

[...] é, pelo menos, tripla: genética, linguística e cognitiva, e se expressa na variedade de genes, línguas e saberes. As memórias genética e linguística guardam o registro da expansão dos seres humanos pelos diferentes habitats do planeta, um processo de colonização de territórios que levou várias dezenas de milhares de anos. A memória cognitiva, a menos explorada, revela as maneiras como as sociedades humanas foram se adaptando a cada uma das condições desses habitats. Essa memória é biocultural e vem sendo mantida pelos 7.000 povos tradicionais, indígenas ou originários que hoje existem, subsistem e persistem.” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p.18)

Tal noção possibilita aprofundar a análise dos elementos resultantes das convergências do que se entende popularmente como homem, natureza e cultura, por abordar algumas das possíveis aproximações entre tais termos. Dentre essas possibilidades, e como parte da memória biocultural, se encontra a *memória cognitiva*, que trata “dos saberes transmitidos oralmente de geração para geração, e especialmente dos conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio do qual a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p.33). Como parte da memória

biocultural, além da memória cognitiva, estão a *memória genética* e a *memória linguística*, sendo que, resumidamente, a primeira se relaciona com a diversidade biológica e a segunda com a diversidade linguística que se manifestam em contextos geográficos específicos. Sobre elas, Toledo e Barrera-Bassols (2015) concluem que há evidências significativas de sobreposições nos mapas globais entre as áreas de elevada riqueza biológica e as de alta diversidade de línguas.

Como resultado da interação de ecossistemas específicos com a espécie humana, por meio de povos que habitam um mesmo local por um longo período de tempo, a memória biocultural preserva um vasto conhecimento adquirido principalmente por povos indígenas e camponeses:

Como espelho, a cultura reflete a natureza, gerando narrativas, contos, histórias, lendas e mitos, criando pinturas, danças, música e têxteis, celebrando festas e inventando gastronomias. Através do conhecimento, a cultura nomeia e classifica os elementos naturais, dando origem a uma nomenclatura vernacular e taxonomia de natureza local e que geralmente é transmitida oralmente e de geração em geração.” (TOLEDO, 2018, p. 68)<sup>4</sup>

Portanto, pensar a memória biocultural dentro de uma obra literária significa analisar além das noções de natureza, paisagem ou meio ambiente como designadoras de “seres da natureza vistos de longe, do abrigo de uma varanda envidraçada” (LATOURE, 2020, p. 23), e refletir sobre como essa memória permeia as personagens, o espaço, o tempo e o enredo que constituem a narrativa.

### 3. DOIS IRMÃOS E A MEMÓRIA BIOCULTURAL

A memória biocultural se difere da memória individual por pertencer à memória da espécie humana, que “permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 23). Dessa forma, parte dessa memória é necessariamente coletiva e se mantém através da vida em comunidade e da partilha daqueles

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Como espejo la cultura refleja a la naturaleza generando narrativas, cuentos, relatos, leyendas y mitos, creando pinturas, danzas, música y textiles, celebrando fiestas e inventando gastronomías. Por medio del conocimiento la cultura nombra y clasifica a los elementos naturales, dando lugar a una nomenclatura y a una taxonomía vernáculas de carácter local y que por lo común se va transmitiendo por vía oral y de generación en generación.”

conhecimentos adquiridos a partir da vivência em um espaço geográfico específico por um longo período de tempo, sendo a “agricultura camponesa a principal força social que molda dialeticamente essas construções bioculturais” (*Ibidem*, p. 15). Tais conhecimentos são frequentemente difundidos e associados às populações indígenas, mas:

Cumpre também ressaltar o importante papel desempenhado pelas novas culturas resultantes da mestiçagem entre povos originários, descendentes de europeus e população indígena de ascendência africana. Essa nova onda de recriação cultural, que torna o Brasil particularmente diverso, faz com que o estudo da memória biocultural se estenda para além dos povos indígenas, incluindo outros grupos, como seringueiros, camponeses, caboclos, caiçaras, pantaneiros, quilombolas e pescadores artesanais.<sup>5</sup> (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 20)

Na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, a história se ambienta principalmente na cidade de Manaus, capital do Amazonas, que por se localizar no cinturão intertropical é uma região que detém uma grande diversidade de línguas e de espécies endêmicas, já que “Tal correlação [disposição geográfica] revela que a maioria das línguas e espécies endêmicas se encontram nos países situados no cinturão intertropical” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p.80), sendo o Brasil o país mais biologicamente rico do mundo (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). No romance, além dos elementos da memória biocultural amazônica, são retratados diversos aspectos de uma memória comum ao Líbano, terra natal das personagens Halim e Zana, e de alguns poucos elementos de uma memória africana, trazida por meio de povos africanos escravizados durante o processo de colonização. Todas essas memórias se misturam ao longo da narrativa e permeiam o enredo de forma a delinear um contraste entre o meio onde a história se ambienta e uma memória de origem Libanesa e Africana.

Para analisar a memória biocultural amazônica representada no romance, serão investigadas principalmente as memórias genética, linguística e cognitiva e as suas relações com a obra literária. Sendo que, “as duas primeiras dimensões certificam uma história entre a humanidade e a natureza, enquanto a terceira oferece todos os elementos para compreender, avaliar e qualificar essa experiência histórica.” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 24).

---

<sup>5</sup> Importante ressaltar que as *populações indígenas de ascendência africana* foram trazidas à força ao Brasil por meio da escravização cruel de seus povos pelos Portugueses, através do processo de Colonização.

### 3.1. A MEMÓRIA GENÉTICA

A memória genética, expressa através da diversidade biológica, está presente no romance principalmente por meio da descrição da paisagem e do discurso das personagens sobre o ambiente que as cerca. A paisagem como “reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um determinado lugar” (PAISAGEM, 2020) não é expressa pelo narrador como motivo de exaltação da pátria, tal como no romantismo (CARVALHO, 2005), mas está em constante interação com as personagens da obra.

Ao longo do romance, o leitor se depara com diversas manifestações da biodiversidade genética presentes na região amazônica, como animais e plantas, nativas ou naturalizadas. Dentre as plantas, estão: *helicônias*, *tajás*, *fruta-pão*, *macaxeira*, *seringueiras*, *jambu*, *jambo*, *pimenta murupi*, *aturiás*, *piaçaba*, *mandioca brava*, *pupunha*, *jaca*, *guaraná*, *mururé*, *pacovãs*, *muirapiranga*, *cupuaçu*, *tucum*, *oitizeiro*, *sumaúma*, *açaizeiros*, *crajiru*, *apuizeiro*. E dentre os animais: *boto*, *onça*, *tucunaré*, *matrinxã*, *sauim-de-coleira*, *batuíras*, *jaçanãs*, *jacamins*, *jaraqui*, *pacu*, *papa-açaí*, *cobra-papagaio*, *saracuí*. Além desses elementos da biodiversidade amazônica, há também a presença de elementos de países africanos que foram colonizados pelos Portugueses, como o *maxixe* e o *quiabo*, vendidos no início do romance na beira do igarapé Raimundo. Assim como elementos de outras regiões geográficas específicas que são muito utilizados pelas personagens de origem Libanesa, como o *gergelim*. Todos esses elementos de biodiversidade se misturam e perpassam a narrativa, contribuindo para dar dimensão às personagens e à ambientação do enredo. Sendo que estes não são enumerados em passagens extensas, mas são frequentemente apresentados pelo narrador a partir de uma relação com as personagens ou a partir de um ponto de vista do qual ele é exposto.<sup>6</sup>

A obra *Dois Irmãos* é narrada por Nael, filho da indígena Domingas que trabalha na casa de Halim e Zana. Partindo de memórias que se apresentam de forma não linear, Nael imprime na narrativa o seu ponto de vista, a partir do que observa e das histórias contadas a ele. Mesmo nos momentos de descrição do espaço através dos relatos do narrador-personagem, os elementos da memória genética amazônica frequentemente dialogam com as personagens e com o enredo. Um exemplo dessa interação se dá através das manifestações da *seringueira* presente no quintal da casa de Halim e Zana, onde (em alguns

---

<sup>6</sup> Todos os elementos de biodiversidade presentes neste parágrafo são referenciados no ANEXO 01.

momentos do romance) também moram os filhos do casal, Omar, Yaqub e Rânia, além de Domingas e Nael. A árvore é muito presente nas cenas do enredo que se passam no quintal, captando o olhar do narrador sempre que os acontecimentos se dão nas suas proximidades, como parte da composição da cena narrada ou nas descrições elaboradas a partir das histórias contadas a ele. Como no trecho em que Nael narra um episódio, ocorrido antes do seu nascimento, que evidencia algumas das incompatibilidades entre os gêmeos Yaqub e Omar (o Caçula), expostas através da forma que brincavam no quintal. Nael relata que:

Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. (HATOUM, 2006, p. 14)

A árvore também aparece fora do quintal da família, evocando memórias da terra natal em Yaqub, pós este se mudar para São Paulo. Yaqub, “ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou” (HATOUM, 2006, p. 44). Nesse trecho, a seringueira fora do contexto amazônico desperta uma comoção em Yaqub, fazendo com que ele se recorde da sua antiga casa na cidade de Manaus. Nesse sentido, Yaqub demonstra afeto pela árvore, que não só a observa, mas que a identifica e a recorda, tendo conhecimento das suas histórias e dos seus usos pelos povos da região amazônica, como também pelos seringueiros que aparecem em diversos momentos da narrativa.

Além dos componentes observáveis como elementos da paisagem, a biodiversidade amazônica se expressa frequentemente a partir das reflexões de Nael sobre outras personagens. Suas vivências na cidade de Manaus e as suas relações com o ambiente que o cerca fazem com que o seu discurso seja permeado por uma biodiversidade que enriquece as descrições do seu relato. Alguns desses exemplos também estão presentes nas falas de outros personagens, como no relato de Halim à Nael sobre uma conversa de Yaqub com Halim, em que “Depois do desabafo, ele foi murchando, virou mumuré fora d'água” (HATOUM, 2006, p. 94). O termo popular mumuré vem do tupi *mururi* (OLIVEIRA, 2008) e designa algumas plantas aquáticas de origem amazônica (PELLEGRINI, 2020) que, se retiradas da água, não conseguem sobreviver e murcham. Já Zana, ao maldizer Livia, mulher de Yaqub, a compara a

um tipo de lagartixa encontrada principalmente em Portugal e em regiões do Líbano: “Não entendo como o meu Yaqub se deixou enfeitiçar por aquela osga<sup>7</sup>” (HATOUM, 2006, p. 35).

Essas diferentes formas de se expressar indicam o conhecimento de elementos de memórias genéticas diferentes. Halim, por exemplo, sempre interagiu mais com a cidade de Manaus do que Zana, o que faz com que o seu discurso possua, ao longo da narrativa, a presença de mais elementos regionais do que o discurso da mulher. E o mesmo ocorre com Nael, que por ser filho da indígena Domingas possui um amplo contato e conhecimento da memória genética da região amazônica – como na passagem em que Nael relata o que ouviu sobre a conhecida briga entre Azaz e Halim, em que Azaz se apavora ao ver a figura de Halim se aproximando da praça: “...contam que o guariba virou filhote de macaco-cheiro” (HATOUM, 2006, p. 115). Guariba é um primata de porte médio que possui um grito forte e alto<sup>8</sup>, enquanto o macaco-cheiro é um primata pequeno (PAIM et al., 2013). Dessa forma, essa comparação com Azaz só é compreendida por aqueles que conhecem as diferenças entre esses dois primatas da região amazônica.

Ao longo da narrativa, que se passa de forma não-linear durante pelo menos 40 anos, a cidade de Manaus sofre diversas modificações em sua paisagem. E essas modificações contribuem para uma perda da biodiversidade local, tanto no contato com as personagens, quanto na sua presença na cidade. É possível observar essa mudança através do relato de Nael sobre um dos últimos passeios que fez com a sua mãe:

Uma tarde de domingo, minha mãe me convidou para passear na praça da Matriz. Perto dali, atracados no Manaus Harbour, os grandes cargueiros achatavam barcos e canoas, ocultando o horizonte da floresta. No centro da praça não havia mais a multidão de pássaros que encantavam crianças. Agora o aviário que tanto me fascinava estava silencioso. Sentados na escadaria da igreja, índios e migrantes do interior do Amazonas esmolavam. (HATOUM, 2006, p. 179)

Na passagem, o narrador relata como a cidade foi perdendo o contato com a floresta e com as suas manifestações ao se modernizar, fazendo com que a paisagem de Manaus fosse se tornando cada vez mais urbanizada e menos biodiversa, se comparada ao início cronológico da história<sup>9</sup>. Esse afastamento contribui para que a biodiversidade apresentada

<sup>7</sup> Ver ANEXO 1.

<sup>8</sup> Cf.

<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-primates/familia-atelidae/bugio-ruivo-alouatta-guariba-cla-mitans/> (Acesso em 23/05/2012).

<sup>9</sup> Como o romance é narrado em primeira pessoa, através das memórias do narrador-personagem em ordem não-cronológica, o início do romance não corresponde ao início da história das personagens.

pelo narrador seja mais presente no seu discurso do que nas suas descrições sobre o ambiente que o cerca.

Consequentemente, é a partir do relato de Nael (filho da personagem indígena) que o leitor tem contato com esses elementos da memória genética amazônica, pelo fato do narrador saber identificá-los (ou recordá-los), relacionando-os com as suas vivências e utilizando-os em seu discurso narrativo.

### 3. 2. A MEMÓRIA LINGUÍSTICA

Intimamente ligada à memória genética, a memória linguística se caracteriza pela expressão de línguas existentes em um espaço geográfico específico. Em *Dois Irmãos*, o leitor tem contato principalmente com manifestações da língua portuguesa, da língua árabe, da língua nheengatú e de algumas palavras pertencentes à família linguística tupi-guarani (que nomeiam diversos elementos da memória genética amazônica). Logo no início do romance, no casamento entre Halim e Zana, organizado com a ajuda de Galib, pai da noiva, o narrador manifesta ter conhecimento sobre a diversidade de línguas da região presentes na festa de casamento, que foi “Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências” (HATOUM, 2006, p. 41). Dentre essas manifestações, Domingas, personagem indígena central no romance, é aquela que possui maior conhecimento sobre as línguas locais, porém a personagem parece utilizar pouca a sua língua materna. O leitor descobre apenas no final da narrativa a língua utilizada por Domingas em suas cantorias, que é a língua Nheengatú:

[...] variedade moderna da língua geral amazônica, que teria se desenvolvido a partir do Tupinambá, língua da família Tupi-Guarani do subconjunto III. O Nheengatú é falado no Alto rio Negro no noroeste da Amazônia do Brasil, por Baré, Baniwa e Werekena, povos que substituíram suas línguas tradicionais do grupo Arawak do norte pelo Nheengatú. (CRUZ, 2011, p. 621)

Tirada jovem da sua aldeia por uma missionária, logo após a morte do pai, Domingas é colocada em um orfanato onde aprende a ler, escrever e rezar em português, sendo oferecida posteriormente a Zana e Halim para trabalhar e cuidar da casa do casal. Domingas segue com as práticas de reza junto a Zana, que celebra a presença da empregada nesses

momentos de devoção – já que Zana, em diversos episódios, manifesta preconceitos em relação à origem indígena de Domingas e perpetua a noção de que as práticas religiosas estariam educando a personagem.

Esse poder que Zana exerce sobre Domingas, em conjunto com as inseguranças da personagem indígena, fazem com que ela retorne à sua aldeia apenas uma vez ao longo do romance. Nesse retorno ela leva Nael, que se impressiona:

[...] [sua mãe] não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava, ansiosa, o vasto horizonte rio acima, lembrando o lugar onde nascera, perto do povoado de São João, na margem do Jurubaxi, braço do Negro, muito longe dali. (HATOUM, 2006, p.55)

Até o final do romance, Domingas mantém a memória e o afeto em relação à sua língua materna, a despeito da distância da sua aldeia imposta pela sua condição de trabalho na casa de Halim e Zana. E mesmo com a profunda tristeza manifestada após a briga final entre os gêmeos, que resulta na ausência de Yaqub e na fuga de Omar, Domingas se mantém conectada à sua língua materna. O que é visto por Nael com certa surpresa, por pensar que “ela havia travado a boca, mas não: soltou a língua e cantou, em nheengatu, os breves refrões de uma melodia monótona. Quando criança, eu adormecia ao som dessa voz, um acalanto que ondulava nas minhas noites.” (HATOUM, 2006, p.179).

Nael relata com afeto a cantoria de Domingas em diversos momentos, mas parece não ter um conhecimento profundo sobre a língua utilizada por ela. Ele chega a descrever um episódio em que estavam andando pelo Manaus Harbour no qual “Domingas trocou palavras com uma índia e não entendi a conversa; as duas benzeram quando os sinos deram seis baladas” (HATOUM, 2006, p. 180). Essa incompreensão pode ter se dado pelo barulho do porto ou pelo desconhecimento do narrador da língua utilizada pela mãe. A personagem indígena, além da língua nheengatu, também parece possuir um bom conhecimento das nomenclaturas em tupi da biodiversidade da região, pois:

[tinha um] livro muito antigo que Halim lhe dera, um livro grosso e encapado, com gravuras de animais e plantas cujos nomes ela sabia de cor: palavras em Tupi que repetia para Yaqub nas noites em que os dois ficavam sozinhos na umidade do quarto dela. (HATOUM, 2006, p.179)

Logo, a memória linguística da região amazônica é retratada no romance principalmente através da personagem de Domingas que, em decorrência do afastamento de

sua aldeia e por não utilizar a língua com frequência com Nael, apenas através das canções e de algumas nomenclaturas, não transmite amplamente essa memória ao seu filho, fazendo com que a transmissão geracional entre eles sofra grandes perdas materiais e cognitivas, já que “cada língua falada representa um modo único de compreender a experiência humana, o universo natural e o mundo inteiro” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 46).

### 3. 3. A MEMÓRIA COGNITIVA

Como parte fundamental da memória biocultural, há a memória cognitiva, que se constrói a partir do diálogo com a memória genética e a memória linguística. A memória cognitiva se expressa por meio das “maneiras como os diferentes segmentos da população humana foram se adaptando à grande variedade de condições (especiais, concretas, específicas, dinâmicas e únicas) da Terra” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 24). E a partir dessa interação foram desenvolvendo diferentes maneiras de sobreviver e de se expressar por meio de conhecimentos produzidos coletivamente ao habitarem um mesmo espaço geográfico por um longo período de tempo. Como resultado:

Na estrutura da diversidade cultural, tanto genética quanto linguística, [as línguas] operam como o núcleo, como a base sobre a qual se manifesta uma grande variedade de expressões tangíveis e intangíveis: crenças, conhecimentos, instrumentos e ferramentas, arte, arquitetura, roupas e uma ampla gama de alimentos que compõem as culinárias locais e regionais. (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33)

Em *Dois Irmãos*, estão presentes diversas representações de memória cognitiva que permeiam as personagens e o enredo. Alguns exemplos dessas manifestações, como instrumentos e ferramentas, são: *rede de dormir, baladeira, bilha, jamaxi, e remo indígena*. Como crenças, o leitor tem contato com o *mito do boto* e o *mito do curupira*. Como conhecimentos práticos: *a pesca na região, o reconhecimento dos cantos dos pássaros, ralar mandioca para fazer farinha, colher castanha, cortar piaçaba, fazer e utilizar a infusão de cajuru como planta medicinal, usos da paina de samaúma, construções como tijupás, bálsamo de copaíba e outras ervas medicinais*. Como manifestações artísticas: *buquê de helicônias, bichos da região esculpidos em madeira, colar de semente de guaraná, canções em Nheengatu, dança do tipiti, festas do ajuri*. Como culinária: *biscoito de castanha,*

*pirarucu seco, as farinhas de mandioca, macaxeira frita, tucupi e jambu, bolinho de tapioca, pupunha cozida, jaraqui frito, pudim de tapioca com coco ralado, banana frita, tapioca, suco de cupuaçu, suco de jambo.*

Diversas dessas manifestações estão associadas a Domingas, por ela ser a personagem do romance que possui um maior conhecimento da memória biocultural local. É através da transmissão dos conhecimentos dela, que refletem parte da memória biocultural amazônica, que Nael entra em contato com esses elementos. Por meio da transmissão de conhecimentos da mãe, ele consegue assimilar parte da memória biocultural da região, conhecendo suas terminologias a partir da memória linguística e construindo sentido sobre seus usos a partir da memória cognitiva, conhecimento que lhe possibilita expor tais elementos através da sua narrativa.

Além dos elementos de memória cognitiva apresentados por Domingas, outros também permeiam a obra através de sua relação com as personagens, influenciando a forma que elas interagem com o ambiente que as cerca. Dentre esses elementos, está a rede de dormir. No romance, a rede é utilizada por diversos personagens e aparece nos vários episódios em que Omar se recupera da ressaca após alguma festa, sendo cuidado amorosamente por Domingas e Zana. Sua presença na rede vermelha é tão forte que, mesmo após sua fuga, Domingas não consegue dissociar a imagem do Caçula do objeto. Tanto que Nael a encontra “enrolada na rede de Omar, que ela armara em seu quartinho. A rede perdera a cor original e o vermelho, sem vibração, tornara-se apenas um hábito antigo do olhar” (HATOUM, 2006, p. 182). Nael e Domingas também utilizam a rede de dormir com frequência, cada um no seu quartinho nos fundos do quintal, o que torna o objeto presente em diversos momentos do romance.

Ao final da narrativa, após a agressão que Yaqub sofre de Omar, Domingas vai se esvaindo, perdendo sua força e o ânimo de viver, o que faz com que a personagem seja retratada pelo narrador em diversos episódios de angústia e desamparo. Nesses momentos, a rede se manifesta como elemento de apoio e acolhimento à personagem. Como resultado da preocupação do filho com a mãe, Nael “lhe pedia que repousasse, mas ela só se deitava à noite; tombava na rede, queria apenas a minha presença.” (HATOUM, 2006, p.179)

Como parte da memória cognitiva amazônica:

As redes de dormir podem ser vistas como símbolos de resistência e permanência dos povos originários do Brasil. Mesmo com séculos de colonização e com as recentes crises políticas quanto aos direitos indígenas,

elas se perpetuaram como uma das muitas tecnologias ameríndias. (VAIVÉM, 2019, p. 14)

Além da rede de dormir, algumas crenças, costumes e histórias amazônicas também permeiam o enredo, como as menções ao mito do boto e ao mito do curupira. A partir do boto, elemento da biodiversidade local, surgem, por meio dos povos originários, modos únicos de elaborar histórias sobre a região. Por consequência, tais histórias não seriam possíveis sem a existência, o conhecimento ou o contato com o animal, o que faz com que a memória cognitiva esteja intimamente relacionada à memória genética, já que:

Cada cultura local interage com seu próprio ecossistema local e com a combinação de paisagens e as respectivas diversidades nela contidas, de forma que o resultado é uma ampla e complexa gama de interações finas e específicas. (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 40)

No romance, o mito do boto aparece de forma indireta, por meio das crenças e do discurso de algumas personagens. Domingas, por exemplo, remete à essa figura mítica ao descrever Yaqub, o gêmeo que, de acordo com ela, “tem olhão de boto; se deixar, ele leva todo mundo para o fundo do rio” (HATOUM, 2006, p. 24). A personagem indígena também recorre à figura mítica do animal como amuleto da sorte, no episódio em que Omar foge da casa da família para viver com a sua amante, Pau-Mulato. Sua fuga se dá após sua mãe descobrir o envolvimento do Caçula com os contrabandos ilegais articulados por Wyckham (ou Chico Quelé), descendente de alemães que finge ser americano para articular seus negócios. Na busca por Omar, Domingas pergunta:

“Posso preparar um olho de boto? A senhora pendura o olho no pescoço e aí o Caçula vem beijar a senhora... com muito amor”. Zana não sabia o que dizer? Ela se aproximou da minha mãe e virou a cabeça para o oratório.<sup>10</sup> (HATOUM, 2006, p.111).

Ainda sobre a fuga de Omar, Halim decide se juntar a Zana nas buscas pelo filho após perceber que a mulher não conseguia pensar ou falar de outro assunto que não fosse o desaparecimento do Caçula. Com isso, Halim aluga um barco e leva Pocu, vendedor de sorva<sup>11</sup>, Tannus, amigo de Halim e frequentador de bares, e Nael em sua busca. Eles gastam

<sup>10</sup> Importante destacar que: “O boto tucuxi, que vive na bacia do rio Amazonas, foi incluído na lista de espécies em perigo de extinção, segundo atualização divulgada nesta quinta-feira (10/12). Isso significa que todas as quatro espécies de golfinhos de água doce conhecidas no mundo estão agora ameaçadas.” (BOTO, 2020)

<sup>11</sup> Um tipo de fruta comum na região.

dias procurando o Caçula na região até que, em um determinado momento, “no paraná do Parauá, um velho, muito sério, disse: ‘Vai ver que o boto enfeitiçou os dois; devem estar encantados, lá no fundo do rio’” (HATOUM, 2006, p. 121). A fala do velho não é encarada por Halim com seriedade, mas demonstra como o mito do boto está presente na população ribeirinha da região. Tal mito é um dos:

mais recorrentes no imaginário do povo amazônida, e a ele é atribuída a responsabilidade de ora ser a causa da perdição das mulheres, ora de ter o mérito de salvá-las de uma punição severa ou da discriminação por praticarem atos libidinosos, sem o consórcio de uma união abençoada por Deus. O paradoxo perdição/salvamento atribuído à selva amazônica penetrou no imaginário local, de tal forma, que até as lendas e mitos típicos da região apresentam tais extremos. (MARTINS, 2005, p. 44)

Sobre as manifestações artísticas da memória cognitiva amazônica, há o costume de Domingas de talhar bichos da região em madeira. Esse hábito permeia o romance de forma a exteriorizar as emoções da personagem ao longo da narrativa, sendo uma das mais expressivas e de destaque narradas por Nael. O leitor descobre que esse costume vem através do pai de Domingas, que é lembrado pela personagem com dor e saudade após a sua morte, que resulta na personagem sendo afastada da sua aldeia por missionárias. Nael relata o quanto Domingas sofreu no orfanato para o qual foi levada:

Domingas fechava os olhos e fingia dormir, e se lembrava do pai e do irmão. Chorava quando se lembrava do pai, dos bichinhos de madeira que fazia para ela, das cantigas que cantava para os filhos. E chorava de raiva. Nunca mais ia ver o irmão, nunca pôde voltar para Jurubaxi. (HATOUM, 2006, p. 56)

A personagem, com o passar do tempo, adquire o mesmo costume do pai e mantém em seu quarto diversas dessas esculturas. Nael comenta sobre a presença delas em diversos momentos do romance, como sobre o hábito da mãe que, ao receber os presentes de Livia de São Paulo, “escondia um punhado de tâmaras e amêndoas atrás dos bichos de madeira” (HATOUM, 2006, p. 96). Esses animais esculpidos por Domingas eram da região, sendo parte deles aves das quais Domingas conhecia os nomes em tupi e reconhecia os cantos. Esse hábito de esculpir, vindo do pai, é uma manifestação resultante da interação da personagem com os elementos de biodiversidade local. No romance, não se sabe qual o povo indígena de origem de Domingas, apenas que a sua língua materna é o nheengatu, sendo a personagem provavelmente dos povos Baré, Baniwa ou Werekena (CRUZ, 2011). Sobre a etnia Baré:

[...] além da caça e da pesca, o artesanato é outra atividade que concentra em torno de si aspectos dos saberes tradicionais, possibilitando ainda a geração de renda. Da confecção de instrumentos de uso cotidiano à percepção do valor estético como produto para o consumo do turista, o artesanato veio substituir a extração de madeira como principal fonte de renda. (COLARES, 2018, p. 60)

O que faz com que o conhecimento de esculpir madeira em muirapiranga<sup>12</sup> seja provavelmente um conhecimento do povo de origem de Domingas, passado de geração em geração. Sendo essa memória não apenas uma memória da personagem, mas uma memória biocultural amazônica que acompanha Domingas. Como no período após a fuga de Omar, resultante da agressão a Yaqub, em que a personagem indígena perde suas forças e mal consegue “tirar lascas da madeira dura, e ela nem se animava a fazer trançados com fios de palmeira. Os últimos animais que havia esculpido lembravam pequenos seres inacabados, fósseis de outras eras.” (HATOUM, 2006, p. 179). Porém, o leitor é surpreendido, ao final do romance, no momento da morte da personagem, que parece dedicar suas últimas forças à conclusão da sua coleção de esculturas, como se finalizasse algo que o pai havia deixado inacabado. Nael, ao encontrar a mãe sem vida deitada na antiga rede de Omar, percebe que:

Os bichinhos esculpidos em muirapiranga estavam arrumados na prateleira. Lustrados, luziam pássaros e serpentes. O bestiário de minha mãe: miniaturas que as mãos dela haviam forjado durante noites e noites à luz de um aladim. As asas finas de um saracuí<sup>13</sup>, o pássaro mais belo, empoleirado num galho de verdade, enterrado numa bacia de latão. Asas bem abertas, peito esguio, bico para o alto, ave que deseja voar. Toda a fibra e o ímpeto da minha mãe tinham servido os outros. Guardou até o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava. Eu olhava o rosto da minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula<sup>14</sup>. (HATOUM, 2006, p.182)

Nesse momento, o leitor se depara com a delicadeza e a força de Domingas, que ao finalizar as esculturas e falecer na rede se liberta de uma história de dor e servidão, realizando o movimento da saracuí esculpida por ela, *que deseja voar*. Domingas, como a ave em madeira, demonstra querer partir do local em que está, porém não realiza esse desejo e acaba vivendo em um ambiente estranho à sua origem. Esse sentimento de não pertencimento da personagem se encerra com um movimento em direção à aldeia de que fora arrancada quando

---

<sup>12</sup> Ver ANEXO 1.

<sup>13</sup> Uma ave da região (referência no ANEXO 01).

<sup>14</sup> O romance deixa a entender que Omar violenta Domingas.

nova, para onde suas raízes afluíam por meio das redes de dormir e das esculturas feitas pelo pai.

Esse mesmo afeto, tão claro na morte de Domingas, é expresso por Nael em diversos momentos da narrativa, em que expõe sua incerteza sobre o seu berço e sobre o seu desconhecimento do próprio pai. Nael, relata:

[...] não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco em um rio deserto, até que uma das margens a acolhe. (HATOUM, 2006, p. 54)

Essas incertezas, entretanto, são sobrepostas pelo ímpeto do narrador de, ao juntar suas memórias aos relatos que lhe foram revelados, tentar recontar sua vida como forma de concluir e superar as feridas que permeiam a sua história e a história da sua mãe. Duas personagens impedidas de cultivar raízes profundas junto aos seus antepassados, em relação às quais esse afastamento imposto parece acompanhar as tragédias<sup>15</sup> que permeiam o romance e a perda de memória<sup>16</sup>. O narrador parece não adquirir o hábito da mãe de esculpir animais, um conhecimento que se encerra, na família, na geração de Domingas.

Através da percepção das diversas manifestações dessas memórias cognitivas no romance, que influenciam a forma com que as personagens interagem com o ambiente que as cercam, o leitor tem contato com “elementos para compreender, avaliar e qualificar essa experiência histórica” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 24) das personagens e da região retratada. Uma vez que:

Essa dimensão cognitiva, tão antiga quanto a própria espécie, permitiu aos seres humanos não só manter uma certa relação de coexistência com a natureza, mas também refiná-la ou aperfeiçoá-la. O produto final desse processo de refinamento ao longo do tempo encontra-se hoje nas mentes e nas mãos de homens e mulheres que compõem os chamados povos tradicionais, especialmente os povos indígenas. Esses conhecimentos, no entanto, estão ameaçados. (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 33)

Portanto, Domingas é a personagem através da qual se manifestam mais elementos de memória biocultural da região. Entretanto, sua história é interrompida pelas missionárias que

---

<sup>15</sup> Como as agressões de Omar à Yaqub, a destruição da Cidade Flutuante, o assassinato de Laval, a morte de Halim e de Dominga.

<sup>16</sup> Aqui utilizamos memória em sentido amplo.

a afastam da sua aldeia e lhe impõem novos costumes transvestidos como ideias de progresso, como práticas e condutas religiosas que não dialogam com seus antepassados, sua origem e seus desejos. Tal afastamento de Domingas das suas origens, e conseqüentemente o afastamento de Nael dos seus antepassados, resulta, no romance, na perda da transmissão geracional da memória biocultural amazônica.

#### 4. EROSÃO DA MEMÓRIA

O romance *Dois Irmãos*, por se ambientar principalmente na cidade de Manaus, compreende em seu enredo diversas representações da memória biocultural amazônica, que dialogam com as personagens de forma a produzir interações únicas com o espaço que as cercam, sendo estas transformadas ao longo da narrativa a partir da erosão<sup>17</sup> da memória. A cidade, por sua localização geográfica, detém uma grande diversidade biológica e linguística (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015) que resulta, conseqüentemente, em diversos conhecimentos produzidos a partir dessas interlocuções, já que o *axioma biocultural* “pressupõe que a diversidade biológica e cultural são construções mutuamente dependentes enraizadas em contextos geográficos específicos” (*Ibidem*, 2015, p. 15).

Entretanto, ao longo do romance, Manaus passa por um processo de *modernização* que resulta no afastamento entre sua biodiversidade e as personagens. Tal processo se dá de diferentes formas, como através da ida das missionárias à aldeia de Domingas, afastando-a das suas raízes e conseqüentemente dos conhecimentos locais passados de geração em geração. A intrusão da religião católica na aldeia de Domingas, e os preconceitos de Zana acerca das crenças da personagem, demonstram como os seus conhecimentos são condenados como *selvagens*, se comparados aos conhecimentos vindos da cidade urbanizada. Sobre esses preconceitos, Nael relata que:

Quando chovia, os dois [Domingas e Yaqub] iam ver os animais e peixes na praça das Acácias. Zana acreditava, mas de vez em quando as palavras das vizinhas a deixavam em pânico. Essas cunhantãs malinavam as crianças: não havia casos de estrangulamentos, de vampirismo, de envenenamento, de maldades ainda piores? Mas logo Zana lembrava que rezavam juntas, veneravam o mesmo deus, os mesmos santos, e nisso elas se irmanavam. Nas

---

<sup>17</sup> Toledo e Barrera-Bassols (2015) utilizam o termo “erosão” como “perda”, como em: “Já a principal causa da perda da diversidade agrícola, também conhecida como erosão genética, é a disseminação dos sistemas industrializados de produção na agricultura, na pecuária e nas plantações florestais” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 241).

horas de reza, em frente ao altar da sala, ficavam juntas, ajoelhadas, adorando a santa de gesso que Dominga espanava todas as manhãs. (HATOUM, 2006, p. 51)

Dessa forma, os costumes resultantes do contato de Domingas com o orfanato religioso em que cresceu introduzem na personagem um senso de culpa muito comum às ideias de bem e mal do catolicismo. No orfanato, Domingas apanhava de palmatória com a justificativa de que estava sendo educada pelas missionárias e era obrigada a decorar as rezas, sofrendo ameaças caso esquecesse o nome de alguma santa. Aos poucos, a personagem torna a religião parte da sua vivência e a mantém como prática através de Zana, que subjuga tudo em Domingas que a remete à sua origem indígena. Com isso, a personagem passa a se afastar daqueles conhecimentos advindos da sua aldeia, acarretando a perda geracional da memória biocultural da região.

Paralelamente, algumas interações com a cidade se modificam com o passar dos anos no romance. Alguns locais, como o Mercado Municipal e a Cidade Flutuante, cumprem um papel importante como difusores de conhecimentos da região e sofrem consequências diante do ideal de progresso que permeia Manaus. Esses ambientes marcam a vivência de algumas personagens, que se afeiçoam e valorizam as trocas e experiências que se dão nesses locais:

A vista do Mercado Municipal e seus arredores, isso o velho Halim apreciava. As frutas, os peixes, os paus e troncos podres, pedaços de uma natureza morta que teima em renascer por meio do cheiro. (HATOUM, 2006, p. 99)

Assim como Nael, Halim demonstra apreciar a cidade de Manaus com todas as suas manifestações e expressões, o que faz a personagem muito atenta à cidade e sua diversidade. Ele se incomoda quando Rânia, influenciada por Yaqub, modifica a loja e deixa de vender os produtos que eram antigamente comercializados: “Assim, ele distanciava das pessoas do interior, que antes vinham à sua porta, entravam na loja, compravam, trocavam ou simplesmente proseavam [...]” (HATOUM, 2006, p. 99). Halim expressa em diversos momentos o prazer em ouvir histórias e trocar conhecimentos com a população local, e talvez seja a personagem que mais demonstre sofrimento com as mudanças que ocorrem na cidade. Nael também é crítico desse processo de modernização e percebe como esse ideal traz consequências à região:

Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a

Manaus como um sopro mofado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. (HATOUM, 2006, p. 96)

Esse processo acompanha, ainda, o regime da Ditadura Militar, cuja violência permeia alguns episódios do romance, sendo a prisão e o assassinato do professor Laval o mais marcante. Laval, professor de francês no “Galinheiro dos Vândalos”<sup>18</sup> e poeta, é uma grande fonte de inspiração para Nael e Omar. Seu assassinato, por parte dos militares, acompanha uma intensificação das críticas de Nael às modificações sofridas pela cidade de Manaus. Dentre elas, está a destruição da Cidade Flutuante feita de maneira brutal, enquanto os policiais continham as manifestações contrárias a essa investida, impedindo a entrada da população no local. Nael, ao buscar por Halim:

Numa tarde que ele escapara logo depois da sesta eu o encontrei na beira do rio Negro. Estava ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascates. Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas. (HATOUM, 2006, p. 159)

A demolição da Cidade Flutuante, a golpes de marreta, é um exemplo significativo dessa modernização, que corrobora para o afastamento das populações ribeirinhas dos seus costumes, prejudicando a manutenção da memória biocultural mantida por eles, como o mito do boto, a pesca dos animais da região, o conhecimento dos pássaros que habitavam a cidade, dentre outros elementos expostos previamente neste trabalho. Tal episódio parece ser a gota d'água para Halim, que é encontrado sem vida no sofá da sala pouco tempo após esse acontecimento.

Além desses processos urbanos, o leitor tem contato com o desmatamento da região através de Rânia, que “comprara um bangalô num dos bairros construídos nas áreas desmatadas ao norte de Manaus” (HATOUM, 2006, p. 184), após a fuga de Omar. O desmatamento é retratado por Nael em poucos momentos, mas suas consequências são observadas pelo narrador ao descrever a cidade, como o desaparecimento dos pássaros do antigo viveiro e o aumento da população indígena pedinte. Tal processo acompanha uma ideia de falso progresso vinculada à ideia de modernização, que ameaça a diversidade biocultural “sob o modelo de desenvolvimento fundamentado em princípios como os da

---

<sup>18</sup> Apelido da escola em que Omar e Nael estudaram.

competição, da especialização, da hegemonia e da uniformidade” (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 237). Nesse sentido, a proteção das áreas de florestas tropicais é urgente e “não há razões econômicas que justifiquem a persistência do desmatamento na Amazônia” (ABROMOVAY, 2019, p. 42), sendo a sua continuidade um caminho “em direção à ‘savanização’ e à possível desertificação das áreas atingidas” (*Ibidem*, p. 34).

Todos esses eventos narrados por Nael têm como consequência a erosão da memória biocultural amazônica que permeia o enredo, já que para que a memória sobreviva é necessária a transmissão desses conhecimentos e experiências em comunidade. Desse modo:

Na produção e reprodução da diversidade está também incluída a produção da experiência. Como consequência, a perda de diversidade significa a extinção da experiência biológica e cultural, implica a erosão do ato de descobrir e a redução da criatividade. A memória biocultural representa, para a espécie humana, uma expressão da diversidade alcançada e assume um enorme valor para a plena compreensão do presente e a configuração de um futuro alternativo construído sob os impulsos e inércias atuais. (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 236)

Consequentemente, o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, ao mesmo tempo que apresenta em seu enredo uma rica memória biocultural que dialoga constantemente com as personagens, retrata o processo de perda dessa memória e da sua convergência com as tragédias, descritas previamente, que permeiam a narrativa. Pois, no enredo, a perda da memória biocultural amazônica corresponde à perda da memória das experiências da espécie humana e das suas manifestações biológicas e culturais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar uma obra literária como *Dois Irmãos* a partir do conceito de memória biocultural permite superar a análise dos elementos (presentes ou ausentes) que o termo natureza normalmente abarca, dado o seu frequente distanciamento dos termos homem e cultura; sendo, talvez, a compreensão desses elementos através dos processos de memória uma forma de aproximá-los. Essa percepção permite a apreensão de que a paisagem no romance ultrapassa as representações da biodiversidade ou dos elementos naturais, e está intimamente ligada aos conhecimentos resultantes da interação dessa paisagem com as

personagens e com os povos que habitaram esse mesmo espaço geográfico por um longo período de tempo. Essa interação com o ambiente é muito forte e difícil de dissociá-la das personagens e dos elementos que compõem a obra, após a compreensão de como essa memória biocultural permeia a narrativa. Nesse sentido, o romance retrata intimamente a cidade de Manaus e algumas de suas manifestações, sem citar exaustivamente todos os elementos naturais que ambientam o enredo, mas fazendo com que eles permeiem toda a narrativa, como se todos ali presentes também tivessem uma história para contar: a memória biocultural amazônica e a sua erosão.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia**: por uma economia do conhecimento da natureza. 1 ed. São Paulo, SP: Elefante, Outras Palavras, Terceira Via, 2019.

ANDRÉ, T. 2020. Ischnosiphon in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB36775>>. Acesso em: 21 mai. 2021

ARACEAE in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15651>>. Acesso em: 21 mai. 2021

ASTETE, S., Sollmann, R., & Silveira, L. (2008). **Comparative ecology of jaguars in Brazil**. Cat News, 42, 9-14.

BOTO da Amazônia entra na lista de espécies ameaçadas. Deutsche Welle Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/boto-da-amazônia-entra-na-lista-de-espécies-ameaçadas/a-55899232#:~:text=O%20boto%20tucuxi%2C%20que%20vive,no%20mundo%20estão%20agora%20ameaçadas>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

BRAGA, J.M.A. 2020. Heliconiaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB7954>>. Acesso em: 21 mai. 2021

CAPSICUM in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB88046>>. Acesso em: 21 mai. 2021

CARVALHO, Flávia Paula. **A natureza na literatura brasileira**: regionalismo pré-modernista. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005.

CARVALHO-SOBRINHO, J.G. 2020. Ceiba in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB23548>>. Acesso em: 21 mai. 2021

CLEMENTS, J. F.; **The Clements Checklist of Birds of the World**. Cornell: Cornell University Press, 2005

COLARES, Peterson Medeiros. **Memória biocultural e sua articulação com os saberes escolares na Aldeia Nova Esperança, Manaus-AM**. / Peterson Medeiros Colares. – Manaus: UEA, 2018.

COLLI-SILVA, M.; Pirani, J.R. 2020. Theobroma in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB23619>>. Acesso em: 21 mai. 2021

CROCKETT, C. M. (1998). **Conservation biology of the genus Alouatta**. International Journal of Primatology, 19(3), 549-578.

CRUZ, Aline da. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Utrecht: Vrije Universiteit Amsterdam, LOT, 2011.

GÓMEZ-SALAZAR C. A. T. A. L. I. N. A., Portocarrero-Aya, M. A. R. C. E. L. A., Trujillo, F. E. R. N. A. N. D. O., Caballero, S. U. S. A. N. A., Bolaños-Jiménez, J. A. I. M. E., Utreras, V. Í. C. T. O. R., ... & Aliaga-Rossel, E. (2010). Update on the freshwater distribution of *Sotalia* in Colombia, Ecuador, Peru, Venezuela and Suriname. *Latin American Journal of Aquatic Mammals*, 8(1-2), 171-178. Caballero, S. U. S. A. N. A., Trujillo, F. E. R. N. A. N. D. O., Vianna, J. A., Barrios-Garrido, H. É. C. T. O. R., Montiel, M. G., Beltrán-Pedrerros, S., ... & Baker, C. S. (2010). **Mitochondrial DNA diversity, differentiation and phylogeography of the South American riverine and coastal dolphins *Sotalia fluviatilis* and *Sotalia guianensis***. *Latin American Journal of Aquatic Mammals*, 69-79.

GILL, F. & Wright, M. - **IOC World Bird List 2017**. Birds of the World - Recommended English Names. Princeton University Press, Princeton, N.J., and Oxford, UK.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

KAEHLER, M. 2020. Fridericia in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB113356>>. Acesso em: 21 mai. 2021

LATOURE, BRUNO. **Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. 1 ed. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020.

LEITMAN, P.M. 2020. Leopoldinia in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB34060>>. Acesso em:

23 mai. 2021

LIMA, F.C.T. 2003. Characidae - Bryconinae (Characins, tetras), p. 174-181. In: R.E. REIS; S.O. KULLANDER & C.J. FERRARIS JR (Eds). **Checklist of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 742p.

LORENZI, Henri; KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. 1 ed. Odessa, SP: Intituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA. 2015.

LORENZI, H. 2020. Bactris in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15687>>. Acesso em: 21 mai. 2021

LORENZI, H. 2020. Bactris in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB22106>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MALVACEAE in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB611510>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MARTINS, Benedita. **Imagens da Amazônia: olhares interculturais**. In: Em tese. Belo Horizonte, v. 9, p. 41-50, dez. 2005

MARTINS, M.L.L.; Orlandini, P.; Mendoza F., J.M.; Silveira, T.C. 2020. Manihot in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17600>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MARTINS, M.L.L.; Orlandini, P.; Mendoza F., J.M.; Silveira, T.C. 2020. Manihot in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17591>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MATTOS, L.; Gaglioti, A.L. 2020. Artocarpus in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB85711>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MATTOS, L.; Gaglioti, A.L. 2020. Artocarpus in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB85712>>. Acesso em: 21 mai. 2021

MCDIARMID, RW, Campbell JA, Touré T (1999). **Snake Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference, Volume 1**. Washington, District of Columbia: Herpetologists' League. 511 pp. ISBN 1-893777-00-6 (series). ISBN 1-893777-01-4 (volume).

NAKAJIMA, J. 2020. Acmella in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15913>>. Acesso em: 21 mai. 2021

OLIVEIRA, J. B. D. **Filogeografia e demografia histórica de saguinus bicolor**. (2014).

OLIVEIRA, Maria Odaisa. **A terminologia indígena na fala do Amazônica**. Inf., Londrina, v. 13, n.1, p. 32-47, jan. / jul. 2008.

PAIM, F. P., Valsecchi, J., Harada, M. L., & de Queiroz, H. L. (2013). **Diversity, geographic distribution and conservation of squirrel monkeys, Saimiri (Primates, Cebidae), in the floodplain forests of Central Amazon**. International Journal of Primatology, 34(5), 1055-1076.

PAISAGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/paisagem/>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

PEDALIACEAE, in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB621844>>. Acesso em: 28 mai. 2021

PEDERNEIRAS, L.C.; Machado, A.F.P.; Santos, O.D.A. 2020. Ficus in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB10137>>. Acesso em: 21 mai. 2021

PELLEGRINI, M.O.O. 2020. Nymphaeaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB10936>>. Acesso em: 21 mai. 2021

PIZZARDO, R.C.; Antonicelli, M.C. 2020. Syzygium in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB24035>>. Acesso em: 21 mai. 2021

RIBEIRO, J.E.L.S.; Pederneiras, L.C. 2020. Brosimum in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB19773>>. Acesso em: 21 mai. 2021

RIBEIRO-JUNIOR, M. A. (2015). **Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia**. II. Gekkonidae, Phyllodactylidae, Sphaerodactylidae. Zootaxa, 3981(1), 1-55.

SAINT-PAUL, U., Zuanon, J., Correa, M.A.V. et al. **Fish Communities in Central Amazonian White- and Blackwater Floodplains**. Environmental Biology of Fishes 57, 235–250 (2000). <https://doi.org/10.1023/A:1007699130333>

SECCO, R.S.; Bigio, N.C. 2020. Hevea in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB22704>>. Acesso em: 21 mai. 2021

SOMMER, G.V.; Medeiros, H. 2020. Paullinia in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB24714>>. Acesso em: 21 mai. 2021

TOLEDO, Víctor M.; ALARCÓN-CHÁIRES, Pablo. **Tópicos Bioculturales: Reflexiones sobre el concepto de bioculturalidad y la defensa del Patrimonio Biocultural de México**. 1 ed. Morelia, Michoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018.

TOLEDO, Victor M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1 ed. São Paulo, SP. Expressão Popular, 2015.

VAIVÉM. São Paulo: Conceito, 2019. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), de 22 de maio de 2019 a 18 de maio de 2020. Curadoria e organização editorial de Raphael Fonseca. Disponível em: <[https://www.bb.com.br/docs/portal/ccbb/VaiVem.pdf?pk\\_vid=c1f3ecce1a3ff6d162157728076c081](https://www.bb.com.br/docs/portal/ccbb/VaiVem.pdf?pk_vid=c1f3ecce1a3ff6d162157728076c081)>. Acesso em: 28 mai. 2021.

VIANNA, S.A. 2020. Euterpe in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB22139>>. Acesso em: 21 mai. 2021

## ANEXO A - BIODIVERSIDADE

Nomes populares	Espécie	PLANTAS		Referência no texto
		Origem em relação à Amazônia	Página em Dois Irmãos	
Tajá	<i>Xanthosoma spp.</i> Schott	Nativa	(HATOUM, 2006, p.18)	Flora do Brasil 2020
Heliconia	<i>Heliconia spp.</i> L.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.13)	Flora do Brasil 2020
Fruta pão	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.35)	Flora do Brasil 2020
Macaxeira	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Nativa	(HATOUM, 2006, p.37)	Flora do Brasil 2020
Seringueira	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.44)	Flora do Brasil 2020
Jambu	<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Nativa	(HATOUM, 2006, p.47)	Flora do Brasil 2020
Jambo	<i>Syzygium spp.</i> Gaertn	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.146)	Flora do Brasil 2020
Pimenta murupi	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.47)	Flora do Brasil 2020
Piaçaba	<i>Leopoldinia piassaba</i> Wallace	Nativa	(HATOUM, 2006, p.55)	Flora do Brasil 2020
Mandioca brava	<i>Manihot spp.</i> Mill.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.55)	Flora do Brasil 2020
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Nativa	(HATOUM, 2006, p.68)	Flora do Brasil 2020
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.68)	Flora do Brasil 2020
Guaraná	<i>Paullinia cupana</i> Kunth	Nativa	(HATOUM, 2006, p.100)	Flora do Brasil 2020
Mururé	<i>Nymphaea spp.</i> L.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.94)	Flora do Brasil 2020
Pacovã	<i>Ischnosiphon arouma</i> (Aubl.) Körn.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.89)	Flora do Brasil 2020
Muirapiranga	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.97)	Flora do Brasil 2020
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd.)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.111)	Flora do Brasil 2020

	ex Spreng.) K.Schum.			
Tucum	<i>Bactris spp.</i> Jacq. ex Scop	Nativa	(HATOUM, 2006, p.111)	Flora do Brasil 2020
Sumaúma	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.119)	Flora do Brasil 2020
Açaizeiro	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.119)	Flora do Brasil 2020
Crajirú	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Nativa	(HATOUM, 2006, p.116)	Flora do Brasil 2020
Apuizeiro	<i>Ficus spp.</i> L.	Nativa	(HATOUM, 2006, p.149)	Flora do Brasil 2020
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Nativa/Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.60)	(KINUPP; LORENZI, 2015)
Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Cultivada	(HATOUM, 2006, p.60)	Flora do Brasil 2020
Gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.36)	Flora do Brasil

AVES				
Nome populares	Espécie	Origem em relação à Amazônia	Página em Dois Irmãos	Referência no texto
Aturiá	<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.54)	(CLEMENTS, 2005)
Batuíra	<i>Charadrius spp.</i> (Ord, 1814)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.54)	(Gill & Wright, 2017)
Jaçanã	<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.54)	(CLEMENTS, 2005)
Jacamim	<i>Psophia spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.54)	(CLEMENTS, 2014)
Papa-açai	<i>Phoenicircus carnifex</i> (Linnaeus, 1758)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.97)	(CLEMENTS, 2014)
Saracuá/Suru cuá	<i>Trogon personatus</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.182)	(CLEMENTS, 2005)

PEIXES				
--------	--	--	--	--

Nome populares	Espécie	Origem em relação à Amazônia	Página em Dois Irmãos	Referência no texto
Matrinxã	<i>Brycon amazonicus</i> (Spix & Agassiz, 1829)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.36)	(LIMA, 2003)
Tucunaré	<i>Cichla spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.37)	(Saint-Paul <i>et al.</i> 2000)
Jaraqui	<i>Semaprochilodus taeniurus</i> Vallenciennes	Nativa	(HATOUM, 2006, p.86)	(Saint-Paul <i>et al.</i> 2000)
Pacu	<i>Piaractus spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.90)	(Saint-Paul <i>et al.</i> 2000)

MAMÍFEROS				
Nome populares	Espécie	Origem em relação à Amazônia	Página em Dois Irmãos	Referência no texto
Boto	<i>Sotalia spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.121)	(GÓMEZ-SALAZAR, CATALINA <i>et al.</i> 2010); (Caballero <i>et al.</i> 2010)
Onça	<i>Panthera onca</i> , Linnaeus	Nativa	(HATOUM, 2006, p.26)	(Astele <i>et al.</i> 2008)
Sauim-de-coléira	<i>Saguinus bicolor</i> , Pied Tamarin	Nativa	(HATOUM, 2006, p.50)	(Oliveira, 2014)
Guariba	<i>Alouatta spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.115)	(Crockett, 1998)
Macaco-cheirão	<i>Saimiri spp.</i>	Nativa	(HATOUM, 2006, p.115)	(Paim <i>et al.</i> 2013)

RÉPTEIS				
Nome populares	Espécie	Origem em relação à Amazônia	Página em Dois Irmãos	Referência no texto
Cobra-papagaio	<i>Corallus batesii</i> (Gray, 1860)	Nativa	(HATOUM, 2006, p.148)	(McDiarmid <i>et al.</i> 1999)
Osga	<i>Hemidactylus mabouia</i> (MOREAU DE JONNÈS, 1818)	Naturalizada	(HATOUM, 2006, p.26)	(Ribeiro-Junior, 2015)